

A REPRESENTAÇÃO DE ESCRAVOS EM *GESÜHNT*, DE GEORG KNOLL

MATEUS KLUMB¹; IMGART GRÜTZMANN ²

¹Universidade Federal de Pelotas – klumbmateus23@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – imgart@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar as representações (CHARTIER, 1990) de escravos veiculadas na narrativa literária *Gesühnt* [Expiado], de autoria de Georg Knoll, publicada em três partes no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* [Almanaque para os Alemães no Brasil] para os anos de 1893, 1894 e 1895. Segundo os estudos de Bonow (1992) e Franco (2007), bem como os dados publicados pelo próprio Knoll (1905) em seu perfil autobiográfico, Georg Knoll nasceu em 23 de setembro de 1861 em Kronberg/Taunus, na Alemanha, e era filho de professores. Tinha estreita relação com a natureza, fato que o levou a estudar Botânica na cidade de Geisenheim, na região de Rheingau. Antes e após concluir seus estudos, Knoll trabalhou no *Palmgarten* [Jardim Botânico] de Frankfurt am Main, do qual teve que sair em virtude de uma doença respiratória. Após passar uma temporada em Würzburg, na Baviera, os médicos aconselharam-no a procurar outro país com o clima mais quente, a fim de que pudesse recuperar de fato sua saúde. Foi por isso que Knoll emigrou para o Brasil aos dezenove anos, acompanhado por um de seus irmãos. O restante de sua família acabou emigrando em seguida, instalando-se, assim como Knoll, no estado de Santa Catarina, sul do país. Sua mãe, Ida Knoll, também era escritora. Além do *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, outros periódicos veicularam produções literárias de Knoll em língua alemã, notadamente poemas e contos, entre eles o *Uhle's Kalender* [Almanaque do Uhle], editado em São Paulo e os jornais noticiosos *Blumenauer Zeitung* [Jornal de Blumenau] e *Kolonie Zeitung* [Jornal Colonial], ambos editados em Santa Catarina.

Gesühnt narra a trajetória de Andreas, um alemão que vem expiar, no Brasil, a culpa de um crime que ele cometera na Alemanha. A ação passa-se no século XIX na Alemanha e no Brasil. Trata-se de uma narrativa literária longa, da modalidade de narrativa encaixada que, segundo Todorov (1979), é uma narrativa, na qual narrativas menores são englobadas por narrativas maiores num processo de encaixe, a fim de que seja compreendida a causalidade das ações vivenciadas pelos personagens até que se encontrem naquela situação e momento. Para Todorov, “a aparição de uma nova personagem ocasiona infalivelmente a interrupção da história precedente, para que uma nova história, a que explica o “eu estou aqui agora” da nova personagem, nos seja contada.” (TODOROV, 1979, p.123) (aspas do autor). Por essa razão, optou-se por um recorte temático que objetiva analisar o capítulo intitulado *Der Fazendeiro* [O Fazendeiro], cuja ação ocorre no Brasil, na Fazenda Santa Clara, no período posterior à Guerra do Paraguai (1865-1870), quando Andreas já ostenta o título de Barão das Águas Brancas e a patente de General. Esse capítulo apresenta um contexto escravocrata na Fazenda Santa Clara, espaço em que a vida e as relações com e entre os escravos é tematizada pelo narrador, do qual Andreas/Barão vai fazer parte.

2. METODOLOGIA

A análise dos escravos na Fazenda Santa Clara centra-se no conceito de representação de Roger Chartier. Para esse historiador francês, as representações sociais se constituem como “classificações, divisões e delimitações que organizam a

apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” (CHARTIER, 1990, p.17). Para tanto, trabalha-se com as características das personagens a partir das considerações de Bóris Tomachevski (1978). De acordo com Chartier (1990), as representações são forjadas para atender às necessidades e aos interesses específicos dos grupos que delas se utilizam, o que justifica sua análise e relacionamento com a posição de quem as postula, a fim de encontrar a finalidade para elas pretendidas. Nesse contexto, salienta-se a necessidade de observância do canal que veicula a narrativa, o qual possui, uma política editorial com objetivos e interesses bem delimitados no espaço social em que se insere. O *Kalender für die Deutschen in Brasilien* foi criado por Wilhelm Rotermund (1843-1925), natural de Stammen/Alemanha, doutor em teologia e pastor evangélico em São Leopoldo/RS, passando o mencionado almanaque a circular a partir de 1881. Com a sua edição, conforme salienta Martin Dreher (2003), Rotermund objetivava fortalecer a fé cristã dos seus leitores, bem como conservar seu *Deutschtum* [germanidade], considerada à época a etnicidade alemã, especialmente no que tange à língua e à religião evangélica. Houve também um esforço do editor de veicular aspectos históricos, culturais e geográficos do Brasil, objetivando, desse modo, proporcionar um conhecimento maior da terra brasileira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que concerne às representações dos escravos em *Gesühnt*, logo no início do capítulo *Der Fazendeiro*, o narrador começa a construir a imagem de um negro miserável e maltratado, quando expõe o contraste entre as roupas dos escravos e a ornamentação prata dos arreios das mulas que transportam Dona Gama para a fazenda de seu sobrinho Antônio de Oliveira Amaral e sua afilhada Maria da Conceição. Nesta parte da narrativa, Andreas aparece como General, tendo recebido uma série de títulos de nobreza, que o fazem um homem respeitado e estimado pelas pessoas com quem vai se relacionar na narrativa a partir de então. Não são relatadas nessa parte as circunstâncias em que Andreas emigrou para o Brasil, tampouco os fatos que fizeram dele uma figura tão bem colocada na sociedade que a narrativa passa a tematizar. Ao General o narrador atribui desde o começo várias características positivas. Imagina-se, a partir do exposto pelo narrador, que o General seja um homem benevolente e piedoso, que vê a escravidão com certo desprezo pela forma desumana com que são tratados os escravos. O próprio General salienta que não possui escravos, e se tivesse os trataria de forma humana, como “companheiros e soldados”.

Na Fazenda Santa Clara vivem mais de 300 escravos. Alguns deles filhos de negras com brancos e de brancos com mulatas estrangeiras. Ao passo que narra os acontecimentos, o narrador menciona a origem de alguns escravos, atribuindo-lhes características específicas. Por meio da adjetivação que utiliza para caracterizar os escravos e suas ações, o narrador intruso se posiciona de forma clara, atribuindo juízos de valor ao narrado. Um dos escravos que desempenha um papel importante no efeito de sentido que a narrativa pretende construir é Gedeão. Filho de uma mulata com um engenheiro alemão, Gedeão contrasta com os demais escravos pela sua cor e pelos olhos azuis. Ele é encarregado de cuidar pessoalmente do cavalo do General, ficando incumbido também de oferecer ao mesmo todos os préstimos que este necessitar. Gedeão, pela sua origem europeia e por personificar uma concepção religiosa que a narrativa também pretende difundir entre os leitores, logo ganha o apreço do General que dele se aproxima ao ponto de comprar a sua liberdade.

O narrador tem em relação a Gedeão um posicionamento diferente do que confere aos demais escravos. Isso é facilmente percebido pela forma como fala

deste, pois mais de uma vez o narrador utiliza o termo *schöner Sklave* [belo escravo] para caracterizar Gedeão. Os escravos negros, por sua vez, são representados como bestializados e de forma herculizada. As características que o narrador neles acentua giram em torno de sua força física, estatura avantajada e atitudes animais de ação e reação quanto aos acontecimentos que vivenciam. Outra discrepância pode ser notada quando o narrador apresenta a humanidade e piedade de Gedeão em contraste com a fúria e sede de vingança que exprimem os negros. Ao passo que Gedeão revela uma postura cristã voltada à compaixão e ao perdão diante das atrocidades cometidas pelo feitor da fazenda, suplicando ao fazendeiro que seja piedoso com este, os escravos negros reagem com mordidas e brutalidade, evidenciando relações animais de vingança.

Não bastando a bestialização com que são representados na narrativa, os escravos também são menosprezados pelo narrador que os coloca numa situação de inferioridade com base no fato de se venderem por cachaça. Os escravos são chicoteados a mando do feitor por outros escravos, a partir da motivação de que os açoites mais violentos garantem a recompensa em cachaça. Na representação do feitor destaca-se o fato de que para ele os escravos são animais, não apresentando qualquer remorso em chicoteá-los até a morte, mesmo sem um motivo concreto para tal brutalidade. Em momento algum o narrador revela qualquer preocupação do fazendeiro com os escravos que morreram ou estão machucados em decorrência das ações do feitor.

Na representação dos escravos outro traço fortemente marcado na narrativa envolve a religião. Após ser brutalmente chicoteado, Bonifácio, um dos escravos da Fazenda Santa Clara, protagoniza uma cena em meio à mata, contrapondo uma forma de religião africana em oposição à religião cristã. Expondo toda a dor e sofrimento da personagem, que além de ter sido chicoteado ainda teve pimenta colocada em seus ferimentos, o narrador mostra um momento de desespero em que Bonifácio clama a um ser divino por vingança. Enquanto segura um crucifixo, o narrador coloca na boca do escravo um desabafo que enfatiza a religião cristã como marcada pelo amor, pela piedade e misericórdia. Segundo o narrador, um deus cristão que, assim como os escravos, teve que viver em Cristo a dor e o sofrimento de ser açoitado, espancado e crucificado, aceitando e vivendo tudo com paciência, como se fosse destino dos escravos viver submissamente ao que lhes era imposto. O escravo Bonifácio, no entanto, exalando revolta deixa claro que ele quer e precisa se vingar, e que sendo o deus dos brancos um deus de amor, ele jamais poderá atender aos seus pedidos de vingança. Por isso, começa a dançar e a cultuar um objeto, um fetiche, suplicando por vingança. Após dançar de forma selvagem e diabólica, segundo o narrador, Bonifácio cai de joelhos com dois objetos a sua frente: o fetiche e o crucifixo, observando de forma errática os mesmos. Ao intervir, o narrador se posiciona diante da cena na mata e narra que, em meio ao silêncio e à escuridão, o luar ilumina o crucifixo, enquanto que uma cobra passeia por sobre o fetiche que o escravo cultuava, fazendo com que Bonifácio levantasse e sumisse na mata. A incidência da luz da lua sobre o crucifixo e o fetiche associado à serpente, símbolo da queda e da astúcia na Bíblia, enfatiza o valor da religião cristã, um dos objetivos a serem alcançados pelo *Kalender für die Deutschen in Brasilien*.

4. CONCLUSÕES

Nas representações dos escravos veiculadas em *Gesühnt* predomina o traço da bestialidade. Desde as características físicas até as ações das personagens, o

que é evidenciado pelo narrador é a ausência de civilidade, pois praticamente todas as cenas protagonizadas pelos escravos remetem a alguma forma de selvageria, onde o homem branco, e sempre que possível o homem branco alemão, surge como aquele que tem a contribuir para a elevação da civilidade. Esse traço também se verifica na presença de um escravo branco, filho de um alemão, que professa valores cristãos em contraponto à religião africana praticada por Bonifácio. É fundamental não perder de vista que o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, veículo em que a narrativa foi publicada, está a serviço do fortalecimento da religião cristã evangélica e da preservação da germanidade. Isso faz com que *Gesühnt* esteja também atrelada a um campo de poder centrado na doutrinação dos leitores. Desse modo, a partir do momento em que Andreas/General passa a conviver com a selvageria atribuída pelo narrador aos escravos e Gedeão é positivado na narrativa, ambas personagens imbuídas da missão de dar certa civilidade aos espaços em que vivem e às ações que praticam, o texto passa a funcionar como uma proposta de afirmação das prerrogativas da defesa do *Deutschtum*, elemento caro ao projeto de vida e de atividade de Rotermond, por meio da positivação do que é branco e alemão, ao passo que o negro é constantemente negativado. Além disso, a publicação de uma narrativa em que alemães, brasileiros e afrodescendentes convivem em um mesmo espaço diegético também visa a contribuir para veicular aspectos da realidade brasileira em que os leitores do almanaque estão inseridos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONOW, Imgart G. A literatura em língua alemã em Santa Catarina: a poesia de Georg Knoll. **Travessia**, n. 25, Florianópolis, 1992, p.182-202.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2ª. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- FRANCO, Cristina Alberts. **Georg Knoll (1861-1940) Vida e Obra**. 2007. Grupo RELLIBRA - Relações Linguísticas e Literárias Brasil-Países de Língua Alemã, disponível em www.rellibra.com.br, acesso em 20/07/2018.
- KNOLL, Georg. *Gesühnt*. Erzählung von Georg Knoll. Der Fazendeiro. *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, São Leopoldo/RS, 1894, p. 33-109.
- KNOLL, Georg. Georg Knoll. *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, São Leopoldo/RS, 1905, p.139-144.
- TOMACHEVSKI, Boris. Temática. In: TOLEDO, Dionísio de O. (Org.). **Teoria da literatura: formalistas russos**. 4ª. Ed.. Trad. de Ana M. R. Filipouski et al. Porto Alegre: Editora Globo, 1978. p.168-204.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1979.